

## João Requizado, o Cangaceiro Solitário

### João Requizado, Cangaceiro Solitário (Literatura de Cordel)



*Luar do Conselheiro*

*A obra: Nesta obra o autor traz a tona uma história real e pouco conhecida, a história de João Requizado, o único cangaceiro solitário da história, que lutou sozinho, por mais de seis anos contra as forças do Estado.*

**Mais uma destas histórias  
Que só existem no sertão  
Que mostram a resistência  
A injustiça e opressão  
Pois o povo sertanejo  
Só morre de arma na mão.**

**Este fato ocorreu  
Como muitos no nordeste  
O povo sempre oprimido  
Pela sede, fome e peste.  
Na competição da vida  
O sertanejo leva o teste**

**Na Serra da Cravada  
Na Chapada Diamantina  
Nasceu João Requizado  
Filho de Dona Vitalina  
Com Seu Emídio Fortunato  
Tava escrita sua sina**

**Tinha também quatro irmãos  
Unidos sem desengano  
Eram eles: Canuto, Ciro,  
Pedro e Feliciano.  
Mas eram suas três irmãs  
O ciúme deste mano**

**Eram Jovita, Jovelina,  
E a doce Maria Isabel.  
Viviam a vida pacata  
Em seu pedacinho de céu  
Nas lavras diamantinas  
Cumprindo remido papel**

**Jovita e Maria Isabel  
Casaram com dois garimpeiros  
Que viviam na penúria  
Por que não tinham dinheiro  
Pois a escassez de diamantes  
Assolava o garimpo inteiro**

**No dia doze de Abril  
Do ano de trinta e três  
Jovita e seu marido  
Desentenderam-se de uma vez  
Até bater nela ele bateu  
Arrepara o que ela fez**

**Saiu correndo para a Estiva  
E queixou-se ao seu irmão  
Tava agora anunciada  
Princípio de revolução  
Requizado pegou ar  
E foi de ódio com razão**

**Apôis João Requizado  
Só deixou passar um dia  
A sexta-feira Santa  
Dia de fé e alegria  
Mas no sábado de Aleluia  
Foi resolver a arrelia**

**No caminho prá Estiva  
Já pertinho de Mosquito  
Requizado encontrou  
Num azar mei esquisito  
O cunhado Rogaciano  
E começou o alarido**

**O bravo João Requizado  
Partiu pro covarde cunhado  
Aplicou-lhe uma surra  
Do jeito que tá mandado  
O cabra ruim ficou mole  
Ferido e desacordado**

**Ficou sabendo que o mesmo  
Fazia o marido de Isabel  
Que ele também agredia  
A esposa de modo cruel  
Resolveu fazer visita  
Pra acabar com o escarcéu**

**Foi à casa da outra irmã  
E o outro covarde encontrou  
Altino Ferreira da Silva  
Com quem Isabel se casou  
Estava com febre palustre  
Mas isso não adiantou**

**João Requizado quebrou  
O outro cunhado no pau  
Deixou feio e ensangüentado  
O corpo daquele animal  
Fraturou o braço esquerdo  
Deixando a cena fatal**

**Altino depois de uns dias  
Foi dar queixa de João  
Na cidade de Lençóis  
Buscando por solução  
A pior tava por vir  
E virar perseguição**

**Pois duas semanas depois  
Altino Ferreira morreu  
Morreu de febre palustre  
E da surra que João deu  
Começava a história dum cabra  
Que o povo não esqueceu**

**Requizado ficou tranqüilo  
Apôis foi caso de família  
Como bateram em sua irmã  
Podia ser sua filha  
Qualquer pessoa com honra  
Ficaria uma pilha**

**Porém num dia de sábado  
Dois soldados bem armado  
Matias e João dos Santos  
Eram os nomes dos “macaco”  
Tentaram efetuar a prisão  
Do nosso João Requizado**

**Quando deram voz de prisão  
Com as armas apontadas  
Requizado deu meia volta  
E saiu a galopadas  
Montado em bom cavalo  
Pelo meio das descargas**

**Quinze dias depois  
Os mesmos soldados de outrora  
Tentaram de novo prender  
Requizado onde ele mora  
Mas esta nova tentativa  
Também entraria para a história**

**É que nosso João Requizado  
Escapou da refrega de novo  
Por um campo de futebol  
Segundo nos conta o povo  
Debaixo de bala de fuzil  
Subindo e descendo morro**

**Em dezenove de setembro  
Do ano de trinta e um  
Nomeado interventor  
Sob o canto do anu  
O Juraci Magalhães  
Sem escrúpulo nenhum**

**Mandou tenente Zacarias  
às lavras diamantina  
Pra ser novo delegado  
Promover carnificina  
Zacarias Justino dos Santos,  
Requizado... Sua sina**

**Mandou prender Requizado  
Lá na vila da Estiva  
Deu ordem ao subdelegado  
João Pereira da Silva  
Chamado “João da Dominga”  
Homem bom de voz ativa**

**Mas só que João da Dominga  
Era amigo de João Requizado  
Por isso seria difícil  
Realmente complicado  
Cumprir a prisão do amigo  
Por ordem do delegado**

**Assim, para não cumprir,  
A ordem do Zacarias  
Passou para seu suplente  
Aquele ordem do dia  
O Alfredo Ataíde  
Pois cumprir ele podia**

**Assim João da Dominga  
Agiu como leal irmão  
Avisou João Requizado  
Do plano em execução  
Requizado preocupado  
Foi atrás de proteção**

**Foi à fazenda Ouro Preto  
Perto de Bom Prazer  
No município de Wagner  
Comprar algo prá não morrer  
Com Adolfo Madureira  
Comprou uma arma prá valer**

**Era uma bela escopeta  
Destas de repetição  
Aquela com certeza  
Era boa proteção  
Aliada a seu revolver  
E a muita munição**

**Alfredo Ataíde sabendo  
Da compra de Requizado  
Armou emboscada na estrada  
Com quatro soldado armado  
De fuzil com munição  
Os soldado entrincheirado**

**Requizado retornando  
Bem armado e a sós  
Deparou-se com os homi  
E entrincheirou-se logo após  
Tiroteio foi cerrado  
Recuaram pra Lençóis**

**Após nosso Requizado  
Ter dado carreira nos homi  
O Tenente Zacarias  
Queria pegá-lo com fome  
Sua honra tava em jogo  
Sua carreira e seu nome**

**Armou uma nova volante  
Composta de dezoito soldado,  
Ordenou à essa volante  
Que fossem no meio do mato  
Para a Serre da Cravada  
Prá prender o Requizado**

**Ao voltar, João do garimpo,  
Com o revólver na cintura  
Escopeta à tiracolo  
Pelo meio das Daturas  
Recebeu foi a descarga  
De póiva e bala pura**

**Como uma jaguatirica  
Requizado pulou prá trás  
Pegou a sua escopeta  
E atirou de forma voraz  
Botou prá correr os dezoito  
Soldados nos carrascais**

**Requizado tinha agora  
Sua fama alardeada  
Botou dezoito soldados  
Prá correr em debandada  
E a fama de um só homem  
Tava então iniciada**

**O fulo tenente Zacarias  
Mudou de tática prá ver  
Mandou apenas dois soldados  
Para alarde não fazer  
A ordem ainda era a mesma  
João Requizado prender**

**Perto da feira da Estiva  
Requizado um doce comia  
Na porta de uma amiga  
Do jeito que sempre fazia  
Percebeu de longe os soldados  
E pensou no que faria**

**Mais rápido que raposa azeda  
Requizado avisou a companheira  
Que entrou correndo em casa  
Vendo o ronco das bala certa  
Requizado não só escapou  
Como de novo deu carreira**

**Matutou João Requizado  
Que a coisa estava sem jeito  
Foi-se para Iraporanga  
Garimpar naquele leito  
Lá nas bandas de Iraquara  
Mostraria mais um feito**

**Um dia teve uma festa  
Lá mesmo em Iraporanga  
O Tenente Zacarias  
Mandou tropa de capanga  
Volante de oito soldados  
Que eram o cão chupando manga.**

**O porteiro da tal festa  
Amigo de Requizado  
Avisou-lhe quando viu  
O batalhão adiantado  
Arrepara o que é que fez  
Nosso cangaceiro ousado**

**Quando a tropa adentrou  
A festa grande e feliz  
Requizado aproveitou  
A falta de diretriz  
Adiantou-se à tropa  
Trocando palavras gentis**

**Como a tropa não conhecia  
O rosto do meliante  
Requizado escapou  
Daquela tropa num instante  
Trocando amabilidades  
Com a tropa de infantes**

**Quando o pobre comandante  
Daquela tropa vergonhosa  
Perguntou por Requizado  
Ao porteiro da palhoça  
Ele disse: Foi com ele  
Que tu teve aquela prosa!**

**O tempo foi passando  
E no ano de trinta e seis  
Chegou o Cabo Penalva  
Para resolver de uma vez  
Com doze praças armados  
Olha só o que ele fez**

**Deu uma espingarda de caça  
Ao garimpeiro Carolino  
Pernoitaram em sua casa  
Fingindo que tavam dormindo  
Pertinho da velha casa  
Do Requizado traquino**

**Cercaram a casa dele  
Logo na neblina do dia  
Bem às cinco da matina  
Na porta do homem batia  
Requizado abriu a porta  
E a bala no centro comia!**

**Requizado recuou  
Pra dentro de sua casa  
Ergueu sua escopeta  
E foi respondendo a bala  
Mostrando que sertanejo  
Acuado é cobra braba!**

**Não só respondeu à bala  
Como foi bem mais ousado  
Escapou daquele cerco  
Pelo meio dos soldado  
Tirando onda com os homi  
No meio do fogo cruzado**

**Prá proteger as crianças  
E os moradores do lugar  
Correu pro final da rua  
Para a tropa aguardar  
Uma escopeta e um revólver  
E muita bala pra gastar**

**Novamente entrincheirado  
Bem e com boa proteção  
Houve novo tiroteio  
Lá naquela região  
Fingindo ter companheiros  
Mudando de posição**

**Os soldados assustados  
Com bala pra todo lado  
Fugiram pela estrada  
Correndo apavorado  
Requizado tomou atalho  
E chegou adiantado**

**Os soldados então chegaram  
A uma bifurcação na estrada  
Ficaram ali em dúvida  
Pra onde a Estiva estava  
Mas para surpresa geral  
Uma voz foi escutada**

**“O caminho é o de lá!”  
Gritou João Requizado  
Descarregando a escopeta  
Bem em cima dos soldado  
Foi tamanho escarcéu  
Que eles fugiram pro mato**

**Terminado o tiroteio  
Requizado sumiu novamente  
Os soldados então seguiram  
Seu caminho lentamente  
Mas depois de alguns quilômetros  
Outro tiro derrepente**

**Houve novo tiroteio  
Ali na garganta da serra  
De meio em meio quilometro  
Requizado fazia uma guerra  
Apôis muito conhecia  
Aquela sua amada terra**

**O advento do Estado Novo  
Feito por Getúlio Vargas  
Em novembro de trinta e sete  
O país se modificava  
Sobretudo na Bahia  
Governador renunciava**

**Tomou posse o comandante  
Da sexta região  
Antônio Fernandes Dantas  
Coronel por profissão  
Desafeto de Zacarias  
Delegado por missão**

**Zacarias delegado  
Transtornado pra valer  
Largou o posto que tinha  
Lutado pra obter  
E foi para a capital  
Sua vida resolver**

**O Tenente Zacarias  
Foi logo substituído  
O Capitão João Coelho  
Homem forte decidido  
Tentou de forma amigável  
Ajeitar o acontecido**

**Mandou dois mensageiros  
Antônio e Esmeraldo Sena  
Dizerem que tudo aquilo  
Era por coisa pequena  
Que se de pronto se entregasse  
Diminuía a sua pena**

**Requizado afirmou  
Que faria o aconselhado  
Porém não confiou  
Em palavra de fardado  
Pros garimpos de Paus Moles  
Fugiu pra não ser algemado**

**Nos garimpos de Paus Moles  
Na Chapada Velha bonita  
Esperava ter sossego  
E harmonia em sua vida  
Mas era mesmo sua sina  
Ter a vida perseguida**

**Capitão João Coelho  
Mandou então a volante  
Prás bandas da Chapada Velha  
Procurar o meliante  
Quarenta homens armados  
Pra pegá-lo adiante**

**A força chegando a Seabra  
Prendeu Claudionor de Queirós  
Amigo de João Requizado  
Homem sabido e veloz  
Foi logo tomado de guia  
Para objetivo atroz**

**Requizado ficou sabendo  
E foi à vila assistir  
Na frente de uma casa  
Já não se agüentando de rir  
A tropa passava por ele  
Sem mesmo o distinguir**

**Claudionor de Queirós, sabido.  
Fingiu então que nada via  
Porém o soldado Palmíro  
O rosto de João conhecia  
Chamou a atenção da tropa  
Mostrando a ousadia**

**Os soldados insultados  
Com a ousadia do rapaz  
Correram prá cima dele  
Com ódio de força procaz  
Com armas engatilhadas  
Para o cangaceiro audaz**

**Requizado adentrou  
Uma cabana acabada  
Os soldados dispararam  
Uma chuva e meia de bala  
Requizado com o revólver  
Respondia à presepada**

Saiu e se entrincheirou  
Ouve então nova batalha  
De um só homem com um revólver  
Contra quarenta canalha  
Portando potentes fuzis  
E as armas de metralha

Saiu novamente vencedor  
Como num pacto com o capeta  
A noitinha inda voltou  
Pra pegar a escopeta  
Pra continuar na briga  
Bala á bala, treta á treta.

Outro milico orgulhoso  
Chegou à Estiva arrogante  
Disposto a pegar Requizado  
Levava seu plano adiante  
O nome do pobre infeliz  
Era Cabo Cavalcante

Com tropa de quinze homens  
De objetivo ardoroso  
Foram à Serra da Cravada  
E dormiram em Seu Cardoso  
Um velho que morava em frente  
Do cangaceiro valoroso

Quando o dia já raiava  
Requizado tomava café  
Pelo buraco da fechadura  
Viu os homens de má fé  
E o Cabo à sua porta  
Pronto a dar o pontapé

Requizado pegou ligeiro  
A escopeta de repetição  
Quando o Cabo abriu a porta  
Ouviu-se a explosão  
O tiro de Requizado  
Pegou o Cabo de raspão

O Cabo apavorado  
Ordenou a sua tropa  
Que corressem atrás dele  
Vasculhando toda toca  
Quem se deparar com ele  
Mira o cano e pipoca

O combate desta vez  
Foi até o meio dia  
Se bem que até a noite  
Tiroteio se ouvia  
A história tava crescendo  
E transformando em magia

Requizado saiu ferido  
Neste ultimo combate  
Na fazenda de um amigo  
Camarada e compadre  
Cuidou e restabeleceu  
A saúde à vontade

Voltou algum tempo depois  
A ir à feira da Estiva  
Nem por isso deu problema  
Pois não arranjava briga  
O povo o respeitava  
Como herói de força viva

Porém em doze de janeiro  
De mil novecentos e quarenta  
Tenente Cordeiro de Matos  
Chegava com fome sedenta  
De pegar o Requizado  
E acabar com aquela lenda

No dia seguinte, de pronto  
Sabia ser dia de feira  
Foi junto ao Cabo Crispím  
Também o Sargento Bandeira  
E o investigador Menezes  
Pra fazer a bagaceira

Na feira deu voz de prisão  
Ao nosso João Requizado  
Tirou-lhe o revólver da cinta  
O deixando desarmado  
Seguraram o cangaceiro  
E de pronto o algemaram

Requizado desarmado  
Relaxou a comitiva  
Tiraram-lhe as algemas  
Pra não provocar ferida  
Foram escoltando ele  
Para a vila de Parnaíba

Vendo aquela confusão  
O povo a ver os fatos  
Requizado aproveitou  
Desatenção dos soldados  
Viu que a arma que tinha  
Era o seu par de sapatos

Bateu com os sapatos no rosto  
Dos soldados ao seu lado  
Fugiu correndo dos homi  
Que eram despreparados  
Escapou mais uma vez  
Do cerco dos soldados

Os milico dispararam  
Seus fuzis numa rajada  
Acertaram-lhe o ombro  
Quando longe já estava  
Dentro dum canavial  
Sumiu sem deixar pegada

No dia seguinte ele foi  
Em busca de Albertino  
Albertino Alves de Souza  
Farmacêutico muito fino  
Que cuidava de mulher,  
Cangaceiro e menino

Só que a bala extraída  
Logo infeccionou  
Foi à cidade de Wagner  
Procurar outro doutor  
O médico Américo Chagas  
Que a chaga lhe curou

Além de curar Requizado  
Deu proteção ao paciente  
Pois viu que João Requizado  
Naquele caso era inocente  
Proteger as suas irmãs  
Era mesmo coerente

Alguns dias depois  
Chegou Ciro, seu irmão.  
Trazendo-lhe um fuzil  
E duzentas balas num sacão  
Mas foi meio imprudente  
Deixando rastro no chão

**Assim o Tenente Cordeiro  
Chegava com seus soldados  
Num domingo às doze horas  
Pra prender o Requizado  
Cercou a casa do médico  
Mas chegava atrasado**

**O valente Requizado  
Foi pra Serra da Cravada  
Com fuzil e munição  
Lá por dentro da Chapada  
Esperar pelos soldados  
Prá mais uma presepada**

**O Tenente irritado  
O Médico então algemou  
O intimou a trazê-lo  
De volta pra onde o curou  
Era agora responsável  
Pela entrega de quem ajudou**

**Naquela mesma tarde  
Na companhia de um amigo  
Foi a Serra da Cravada  
Em busca do foragido  
Uma forte tempestade  
Aumentava o perigo**

**Depois de muita procura  
Américo o encontrou  
Contou-lhe o ocorrido  
Requizado se espantou  
Mas pelo bem de seu amigo  
Requizado concordou**

**Sáiram lá da Cravada  
Com destino a Salvador  
Prá se entregar aos homi  
E safar seu protetor  
Acabar com aquela história  
E mostrar o seu valor**

**Atento às emboscadas  
Da polícia na estrada  
Requizado e seu amigo  
Prosseguiam a jornada  
Requizado pressentia  
Que sua hora era chegada**

Atravessaram a rodovia  
De Lençóis a Estiva  
Chegaram à Pedras de Chapéu  
Sem, no entanto terem briga.  
Chegaram à Lagedinho  
Cortando mato e urtiga

Ao meio dia atravessaram  
A ponte sobre o rio Utinga  
Foram à fazenda Uruguaiana  
Pelo meio da caatinga  
Prá descansar os cavalos  
Em meio à cassutinga

Depois prá fazenda Araçás  
Trocar os cavalos cansados  
Depois foram a Paraíso  
Pois estavam fatigados  
Iam descansar um pouco  
E voltar ao combinado

Seguiram prá Rui Barbosa  
Prá de ônibus ir além  
Mais adiante, em Itaíba;  
Iam, pois pegar o trem.  
Pra chegara a Salvador  
E da lei virar refém

Durante a cavalgada  
De Itaíba a Rui Barbosa  
A capanga de balas furou  
Uma má sorte perigosa  
De duzentas, sessenta e uma,  
Sobraram pra dupla honrosa

Américo e João Requizado  
Chegaram a Salvador  
Ficaram na Pensão Glória  
Rua do Bispo, sim senhor.  
Todavia prá despistar  
De pousada se mudou

Foram pro Hotel Maia  
Lá no bairro da Calçada  
O médico foi à polícia  
Tentar ajeitar a parada  
Ouviu foi muita pilheria  
Humilhação e algazarra

**Então Requizado foi preso  
Na cadeia da capital  
Depois foi enviado  
À sua terra natal  
Na cadeia de Lençóis  
O seu ponto inicial**

**O rábula Olímpio Barbosa  
Bem que tentou defender  
Mas quanto àquela prisão  
Não havia o que fazer  
A partir deste momento  
Sol quadrado vai nascer**

**Seis anos, a pena  
Que o requizado conseguiu  
Na hora do depoimento  
Seus feitos ele assumiu  
Na madrugada seguinte  
João Requizado fugiu**

**Voltou então novamente  
à sua Serra da Cravada  
Passou foi mais de dois meses  
Caindo sempre na risada  
Combatendo bem, sozinho,  
Dezenas de volantes armadas**

**Depois de mais outras tantas  
Foi-se atrás de ares limpos  
Foi-se prá Chapada Velha  
Na labuta do garimpo  
Mas sempre com um pé atrás  
Como era seu instinto**

**Todo o seu treinamento  
De guerrilha na caatinga  
É comum ao sertanejo  
Ter toda aquela mandinga  
Usada pra caçar Peba  
No meio das cassutinga**

**Requizado proseava  
No garimpo Solidão  
Numa noite muito escura  
Num boteco pé no chão  
Essa noite era selada  
O fim da perseguição**

**O Investigador Eliseu  
Chegou com soldados armado  
Perguntou então a João  
Se ele era o Requizado  
Pois se fosse tava preso  
E se fugisse acabado.**

**Requizado num pinote  
Com uma capa colonial  
Apagou o candeeiro  
Que iluminava o local  
E tentou fugir dos homi  
Na escuridão total**

**Mas o investigador  
No meio do bagaceiro  
Disparou seus dois revólveres  
Nas costas do cangaceiro  
Que tombava desta vez  
Sem revidar ao tiroteio**

**Naquela noite tristonha  
O mesmo investigador  
Obrigou o povo local  
A carregar com muita dor  
O corpo de Requizado  
Cangaceiro de valor**

**Lá em Barra do Mendes  
Requizado foi sepultado  
Figura lendária do povo  
Que sempre será lembrado  
Brigou por mais de um lustro  
Contra as forças do estado**

**Se isso vira moda  
Meus caros companheiros  
A lei se regionaliza  
Prá alegria dos catingueiros  
E os homi tremem na base  
A volta dos bons cangaceiros**